

190			
		919	J

Pau Brasil

Fazendeiros voltam a ameaçar pataxós

PAU BRASIL (Da Sucursal Sul da Bahia) - "Com polícia ou sem polícia nós estamos nos mobilizando para resolver esse caso por conta própria", afirmou ontem um dos fazendeiros que teve sua propriedade retomada pelos pataxós há-hã-hã, no último dia 16. O descontrolo do fazendeiro, que tem apoio de um pequeno grupo, entra em choque com a opinião de uma comissão de produtores da área em conflito, que há três anos tenta um acordo com a Funai e que tem entre os líderes o presidente do Sindicato de Ilhéus, Armando Queiroz.

Na manhã de ontem, a comissão teve uma reunião, em Camacan, com a prefeita local, Débora Santos, e com os prefeitos de Pau Brasil, Durval Santana, e Itaju do Colônia, Gérson Varjão, para definir a comissão que vai a Brasília para negociar o fim do conflito entre os pataxós e fazendeiros, conforme o combinado com os deputados-membros da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, após o fracasso de uma reunião que iria tratar do assunto, no último dia 30, em Itabuna.

Ainda ontem à tarde, a comissão se reuniu com o presidente da Associação dos Municípios do Sul, Extremo Sul e Sudoeste da Bahia (Amurc), Fernando Gomes, buscando apoio para uma solução imediata da crise, que ameaça fugir ao controle. Armando reconhece que a animosidade entre as partes conflitantes e o desespero de produtores que estão ameaçados em sua sobrevivência pode gerar muitas mortes em Pau Brasil.

Expectativa

Na reserva pataxó, as lideranças reunidas na Aldeia São Lucas e na Fazenda Milagrosa exigem a apuração do incêndio da Kombi da Funai, que consideram um atentado ao povo indí-



Fotos: Zeka

Índios se julgam sitiados pela polícia e exigem a apuração do incêndio da Kombi pertencente à Funai, que consideram um atentado

gena. Os índios estão muito tensos e se consideram sitiados por policiais militares, ameaçados por fazendeiros e sem proteção para se manter em suas terras.

O funcionário da Funai, Alberto Ramos, disse que está esperando a presença de agentes da Polícia Federal de Brasília para fazer o inquérito sobre o incêndio da Kombi e garantir a segurança dos índios. Alberto disse ainda que os pataxós temem a presença de policiais militares na reserva e acusam de omissos os comandantes Aloísio Campos, da Polícia do Interior, e Gilberto Santana, do 15º Batalhão de Itabuna, por não terem tentado interceptar o Fiat Uno de quatro portas, onde estavam as quatro pessoas que jogaram o coquetel molotov que destruiu o veículo da Funai.

Alberto disse que tem testemunhas de que o Fiat entrou na garagem na Rua Normarina Moraes, 39, que seria do fazen-

deiro Marcos Vinícius Wanderley. "Entreguei o endereço ao comando policial, que alegou que só iria ao local com um mandado judicial", afirmou Alberto. Ele também acusou setores radicais do Sindicato Rural de Pau Brasil de tentar impedir o acordo que 14 fazendeiros, cujas fazendas foram retomadas pelos pataxós, estão querendo fazer com a Funai.

"O grupo radical não quer acordo em separado, propondo que a Funai indenize os fazendeiros que estão nos 54,1 mil hectares pleiteados pelos índios, o que não está em discussão nesse momento", assinalou. Alberto Ramos adiantou que na próxima segunda-feira chega a Pau Brasil uma equipe de peritos da Funai para fazer o levantamento fundiário na Fazenda Milagrosa, afim de iniciar o processo de indenização ao fazendeiro Alberto Pereira.

Funai nega fracasso

Enquanto índios e fazendeiros mantêm a disputa pela posse da terra em Pau Brasil, a Fundação Nacional do Índio (Funai) continua realizando gestões para solucionar o impasse. Com referência à reportagem intitulada "Funai acusada de evitar acordo em Pau Brasil", publicada na edição do dia 1.12 em A TARDE, a direção da Funai nega as acusações feitas pelas partes envolvidas no problema, afirmando que não houve "fracasso" nas negociações para um acordo de paz e que o processo demanda tempo em função do aspecto jurídico que está sendo analisado pelo Poder Público.

Segundo nota divulgada ontem pelo órgão, a Funai e

as lideranças indígenas não promoveram "desordem e dificuldades de sobrevivência para os fazendeiros", mas, ao contrário, tem procurado estabelecer, em colaboração com as partes envolvidas e com outras instâncias do Poder Público, negociações produtivas, que atendem ao interesse de índios e fazendeiros.

Nos últimos encontros entre fazendeiros e índios em Pau Brasil, ainda segundo a nota, a Funai esteve representada por um servidor lotado em Brasília e mais outros dois de Eunápolis. "A Funai esteve representada e exerceu com o devido empenho seu papel de agente da União na defesa do interesse dos índios", afirma o comunicado.

IPM investiga a morte de policiais

O comandante de Polícia do Interior, coronel Aloísio Campos Filho, encarregado do Inquérito Policial Militar (IPM) que apura a morte de dois soldados, emboscados no último dia 17, disse que está fazendo um trabalho de isenção, numa área minada pela tensão e animosidade entre índios e fazendeiros. "É uma lástima que tudo isso esteja acontecendo, mas a obrigação da Polícia Militar é manter a ordem e a segurança na área", afirmou.

O coronel revelou que, logo após o incêndio da Kombi, colocou uma viatura com dois policiais para preservar o local, o que garantiu que ontem a polícia de investigação pudesse trabalhar com todos os recursos. O militar refutou a acusação das lideranças indígenas de que não se interessou em descobrir quem incendiou a Kombi da Funai.

"Além de trabalhar com as barreiras nas saídas da cidade, fui às duas garagens que seriam de propriedade do fazendeiro Marcos Vinícius Wanderley, apontado pelos índios como autor do atentado, mas não encontrei nenhum veículo com as características descritas pelos índios", disse.

O comandante revelou que o IPM está em andamento, tendo ouvido 12 policiais militares. Aloísio Campos disse que ia iniciar os depoimentos com um grupo de 20 ou 25 pessoas, entre índios e funcionários da Funai, mas decidiu dar um tempo, porque os agentes da Funai disseram que os pataxós só vão se apresentar com o conhecimento do presidente do órgão, Carlos Frederico Marés.

"Estou buscando total isenção no processo, inclusive considerando a missão do Ministério Público", declarou o coronel Aloísio Campos, assinalando que até transferiu seu trabalho da Câmara de Vereadores para o Fórum de Pau Brasil para não dar caráter político ao IPM.



A polícia mantém curiosos afastados; peritos estranham que incêndio tenha começado dentro da Kombi

Peritos examinam a Kombi

Uma equipe do Departamento de Polícia Técnica de Itabuna realizou, na manhã de ontem, a perícia na Kombi da Funai, incendiada na noite da última terça-feira, após deixar 10 índios na porta do Centro Educacional Maria Santana, no centro de Pau Brasil. A perícia foi acompanhada pela delegada de Camacan, Dilma França, que apura o fato, e o coordenador regional da Polícia Civil, Gilberto Mouzinho, encarregado de acompanhar todo o trabalho de investigação.

O delegado Mouzinho disse que os peritos, que ontem mesmo liberaram o veículo, estranharam que o incêndio tenha começado por dentro e na parte dianteira da Kombi, que estava fechada. O delegado disse ainda que o fogo foi tão violento que derreteu os vidros e até metal, que é um material mais resistente, o que pode exigir um trabalho mais minucioso para determinar a real causa do incêndio.

A delegada Dilma França revelou que, após instaurar o inquérito, na última quarta-feira,

iniciou imediatamente as investigações, ouvindo o motorista da Kombi, Paulo Dias Paixão. Segundo a delegada, a testemunha disse que não ouviu barulho, apenas um Fiat Uno prata, de quatro portas, que se aproximou da Kombi e logo depois o incêndio começou. Ontem à tarde estavam convocados para depor os funcionários da Funai, em Pau Brasil, e também o porteiro da escola, que estava a 10 metros da Kombi e pode ter visto alguma coisa.